

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**Ramiro Saraiva Pereira**

registada em 2009-02-04  
por

Carla Aguiar e Cláudia Simões



## Ramiro Saraiva Pereira

Ramiro Saraiva Pereira nasceu em 1934, no dia 24 de Maio em Moinhos de Carvide. A mãe chamava-se Dionísia Saraiva e o pai Manuel Pereira. O pai era serrador de serra braçal. Ramiro entrou para a escola com 7 anos, mas só bem mais tarde, com 31 anos, fez o exame da quarta classe. Quando veio para a Benfeita, em vez de voltar para a escola, foi serrar com o pai, “foi a escola a serrar”. Andou por várias terras a serrar pinhal. Foi para a tropa em 1955 e esteve por lá “ano e meio e três dias”. Quando saiu continuou a serrar. Trabalhou em Lisboa, durante cinco anos, nas obras e numa fábrica de borracha. Regressou à Benfeita e voltou à vida de serrador até que montou o próprio negócio. Acabou o negócio quando decidiu partir para Moçambique, onde foi ajudante agrícola de chá. Esteve lá 15 anos. Quando regressou para a aldeia foi trabalhar na floresta até recomençar o negócio que tinha deixado, até que aos 64 anos se reformou. Casou com a namorada que tinha na Benfeita, contra a vontade dos pais. Tiveram dois filhos: um rapaz e uma rapariga.

# Índice

Identificação Ramiro Saraiva Pereira.....	4
Ascendência Dionísia Saraiva e Manuel Pereira.....	4
Infância "A escola a serrar".....	4
Educação Com as pernas cortadas.....	6
Namoro "Com duas ao mesmo tempo".....	6
Casa Com lágrimas nos olhos.....	7
Descendência "Não o tolhas!".....	8
Percurso profissional O aventureiro.....	8
Lugar Antigamente era diferente.....	15
Filosofia "Até a terra nos come".....	16
Sonhos Empregado dos correios.....	16
Avaliação O sacrifício.....	17

## **Identificação *Ramiro Saraiva Pereira***

Chamo-me Ramiro Saraiva Pereira. Nasci em 1934, o dia 24 de Maio em Moinhos de Carvide.

## **Ascendência *Dionísia Saraiva e Manuel Pereira***

A minha mãe chamava-se Dionísia Saraiva e o meu pai Manuel Pereira. Eram de Moinhos de Carvide, ao pé da Vieira. Da minha casa ouvia o barulho do mar. O meu pai era serrador de serra braçal. O meu pai andava por várias terras. Malveira, pela Benfeita, Pisão de Côja, por um lado por outro a serrar.

## **"Com uma madrasta"**

Daí, é claro, o meu pai arranjou outra mulher. Arranjou uma mulher, mais ou menos da idade dele. Mais nova qualquer coisa. Mas também ela ainda morreu diante dele. Pois fiquei com uma madrasta.

A gente cultivava a propriedade toda que é do doutor Urbano. Uma propriedade grande, que hoje é do Estado, da Câmara. A gente cultivava aquilo tudo. Dava milho, batatas, feijões, tudo. Dava tudo aquele chão. Só aquele chão chegou a dar 140 ou cento e tal alqueires de milho. Só o chão de baixo, o fundeiro. Depois nasceu lá um irmão meu e nasceu uma outra rapariga dessa mulher. Chegou-se às minhas alturas, claro, eu tinha que passar camisas a ferro se queria 25 tostões.

Depois casei-me. Eu não me dava bem com a minha madrasta. Eu não sei porque é que foi, houve um barulho. A minha mulher com ela. Até ainda dei uma bofetada na minha mulher por causa da minha madrasta. Foi a única bofetada. Ela chamou-me mentiroso na cama.

## **Infância "*A escola a serrar*"**

Naquele tempo só aos 7 anos é que a gente entrava para a escola. Não é como agora. Quando vim com o meu pai para a Benfeita, eu tinha um mês ou dois de segunda classe, se tanto. Fui com ordem da professora de ele meter-me na escola no Pisão de Côja. Fica por baixo da Dreia.

## A escola de serrador

Quando chegámos, o camarada que andava a serrar com o meu pai, é claro, que é um por baixo outro por cima, chamava-se Henrique, diz ele para o meu pai:

- "Ó tio Manel, você o seu filho já se ajeita mas é aí bem a serrar, eu vou-me embora."

E foi. Foi-se embora para a França. Eu fiquei com mais o meu pai, a serrar. O meu pai era serrador e eu também fui serrador. A escola que me deu foi a escola a serrar. Dali trabalhei no Pisão de Côja. Foi a primeira terra que eu conheci. Entre a Esculca e o Pisão de Côja, fôramos para ali serrar.

## "A dormir no meio dos homens"

*Daí por uns dias viemos para a Mata da Margaraça. Viemos para a Mata da Margaraça ainda nos tempos que havia uma carreira. Havia o chofer, um senhor chamado Veiga. Um camião das daquelas velhas, antigas, uma estrada ainda macadame, para cima para o Monte Frio, quando se vai para cima, para a barragem. Chegámos ali à Mata, eu, o meu pai e mais dois tios meus, mais um outro senhor e outro filho, que era mais velho que eu, tinha alguns 15 anos ou mais. Chegámos lá, para dormir, onde é que a gente tivemos que dormir? Debaixo, lá no caminho de carro dos bois. Porque o fulano de lá não nos deu dormida lá nas palheiras nem nada. Tivemos que dormir lá debaixo dos castanheiros aquela noite. Depois no outro dia o patrão, a gente é claro, reclamamos. Então, arranjou-nos uma casa na Relva Velha. Era uma casa, sim senhora, era uma casa. Até tinha quartos e tudo. O que é não tinha mobílias, não tinha nada. Dormíamos em palha, daquela de centeio. Comprámos uma faixa e dormíamos ali todos juntos. Eu comecei logo a dormir no meio dos homens. Com 9 anos, fiz logo 10 lá na Mata. Serrámos lá 100 pinheiros. A gente trabalhámos lá talvez aí dois meses, à roda disso.*

*Uma vez perdi-me lá na Mata. Eu era garoto. Pelos pinheiros é que eu conhecia. A caírem-nos os pinheiros. Eu vim à água, cá para baixo, ainda andávamos em cima. O que é que acontece? Perdi-me. Mas depois, com o som dos pinheiros eu lá fui. Fui, fui e lá fui ter. Lá por o meio daquelas silvas.*

*Acabámos de serrar os 100 pinheiros, viemos para o Sardal. Para um sítio chamada Cruz do Bujo. Ali também não tínhamos casa. Fizemos uma cama em caruma. Eu é que fiz a cama. Dormíamos todos ali. Dormíamos vestidos, porque senão se dormíssemos nus a caruma picava a gente toda. Só com as mantas por cima. A coruja por cima de nós era assim: gruuu, gruuu, gruuu, ah ah ah.*

## **Finalmente na Benfeita**

A partir daí, um senhor que era muito religioso, que era o que andava com o tal outro rapaz, gostava muito de ir à missa, veio aqui à Benfeita à missa. E diz-me ele assim:

- "Ó Ramiro, queres ir ver a Benfeita? Dali daquele alto a gente vê a Benfeita!"

Assim foi. Viemos ao alto e tal, um dia à festa. Viemos "pia fora"<sup>1</sup> e eu vi à Benfeita. Digo eu assim:

- Eh pá! Ela aqui vê-la lá num buraco mete medo, porra!

Eu cá para comigo, lá de cima.

Viemos aqui para a Benfeita. Começámos a serrar num sítio chamado o Soutelo. Ali a serrar um pinhal. Dormíamos numa casa que é ao cimo do povo de um senhor chamado Nicolau. Não está como agora. Agora já lá está gente a viver. Já arranjaram a casa, uma coisa e outra. Era um quarto só, uma salita, a cozinha e era uma salazita assim maior. A gente dormia também em cima de palha. A mesma coisa. Não havia colchões. Aquilo estava armado como palheiroas. Daí comecei então aí a serrar. Andei a minha vida por a Benfeita, mais o meu pai.

## **Educação *Com as pernas cortadas***

Andava já com um negócio bom, quando andei com ideias de ir para a Alemanha. Umas primas minhas que lá estavam e tal:

- "Ui! Tens de tirar o exame da quarta classe."

A minha filha na altura andava na quarta classe. A que está em Castelo Branco. E eu com os livros dela, fui falar com a senhora professora e fiz o exame da quarta classe. Eu era um bom estudante, o que é, o meu pai cortou-me as pernas. A terceira já a tinha tirado na tropa. Depois tirei a quarta classe.

## **Namoro "*Com duas ao mesmo tempo*"**

Eu namorava com uma rapariga em Côja e namorava com outra da Benfeita. Namorava com duas ao mesmo tempo. Eu vinha todas as sextas-feiras. Quando vinha de lá, parava ali em Côja e vinha depois a pé, de Côja para cima. Estava

<sup>1</sup>por aí a fora

um bocado com ela. Depois é que estava com a da Benfeita. Eu vim da tropa e disse para a da Benfeita:

- Ó rapariguinha, se queres casar eu para Dezembro quero casar.

Eu vim em Setembro.

- Eu em Dezembro quero-me casar.

Na tropa tinha negócio. Vendia papel de escrever, vendia lâminas. Vendia o que calhava. E arranjei para uma mesa de cabeceirazita. Comprei uma mesa de cabeceira lá, em Coimbra. Comprei uns sapatos e tal. Vou dizer ao meu pai eu quero-me casar. Para Dezembro caso-me. Foi contra a vontade da minha madrasta e do meu pai. Não foi com muita vontade deles. Eles queriam que eu ganhasse dinheiro para eles.

Daí em diante, é claro, ela ao sair disse-me:

- "Ai, tens de me dar uns dias."

- Bem! Dou-te uma semana.

Senão ia casar a Côja. Que a de Côja estava preparada. A partir daí casei-me. Eu fui casado com uma camisa que me emprestou o meu pai. Só me comprou o fato. O resto da roupa e sapatos comprei eu. Com o meu dinheirinho. Ali a poupar o tostãozito. É o que muitas haviam de fazer hoje, mas não fazem. A minha mulher chamava-se Filomena de Assunção Cruz.

## ***Casa Com lágrimas nos olhos***

Casei-me, é claro, comecei a minha vida. Pagava 50 escudos de uma casa que era nova. Por acaso era, mas era pequenita. Era uma casa que tinha um quarto e uma sanita e uma cozinhezita. Nem tínhamos mesa. A cama deram-nos. Deram-nos uma cama de ferro. A gente para comer, comíamos num patamarzito lá na cozinha. Eu e a minha mulher. Depois lá nos deram uma mesazita. Lá às vezes comíamos cada um uma coisa. Isto é a vida. Eu nem gosto de contar estas coisas, porque eu até me vem as lágrimas às vezes aos olhos. Pelas coisas que eu passei. Não tinha nada. Eu tinha tanto como a minha palma da mão. Quanto tenho foi quanto eu arranjei. Quando vim aqui para a Benfeita, havia ali um padeiro, a miséria era tanta. Foi quando entrou o Salazar ou o que foi. Davam-nos um quarto de pão e tínhamos de ir pedir por favor. Um quarto de pão para duas pessoas ou três pessoas.

## **Uma casa feita lentamente**

Viéramos de África e o meu filho começou-me logo a escangalhar a casa. Eu não queria. Que eu queria ir fazer uma casa em Leiria, lá na minha terra.



---

Tinha lá um tio que me dava um terreno para eu fazer a casa. Ele começou a escangalhar a casa, eu comecei a construir. A casa foi feita lentamente, porque eu só tinha 800 contos. Naquela altura 800 contos era já bom dinheiro, mas é claro, tinha de subir um bocado mais à casa. Não tinha paredes. Era tudo taipas de madeira. Eu é que depois pus tudo em placas. Tem o sótão por cima, tem outro andar por baixo. Não é assim grande casa, mas serve bem para mim. Ainda há quem tenha bem pior. Não me interessava de a ter em Lisboa ou em Coimbra ou no Porto, nem nada. Mas para mim, graças a Deus, dá para eu viver.

## **Descendência "*Não o tolhas!*"**

Os meus filhos, um chama-se José Manuel da Cruz Pereira. E a filha Maria Isabel da Cruz Pereira. O meu filho não quis estudar mais. A minha filha também antes quis casar que estudar. Eu não os podia matar. Um senhor que era aqui da Benfeita estava no Algarve, em Faro. O senhor doutor Jorge. Era advogado dos Correios. Eu pedi-lhe para o meu filho ir para os Correios. Ele era para ir para a G.N.R. Mas a minha mulher não gostava daquilo. Vale mais ele ir para os Correios. Daí a pouco tempo já tinha uma carta para ir embora. Foi para lá sozinho. Lá para uma pensão. A minha filha coitada, essa sofreu. Correu todo o mundo quase a vender livros. Depois então arranjou aquele senhor que ele é farmacêutico na farmácia lá em Castelo Branco. E lá está, estão bem, com a graça de Deus.

Tenho um neto que é jogador de vólei. Ele tem 15 anos. Veio jogar a Setúbal e eu disse para o meu filho:

- Ó Zé Manel, olha que tu não tolhas a vida ao teu filho. Lá que ele tire um cursozinho sim, mas se ele quiser ser jogador, ó pá não o tolhas! É para a frente é que é Lisboa.

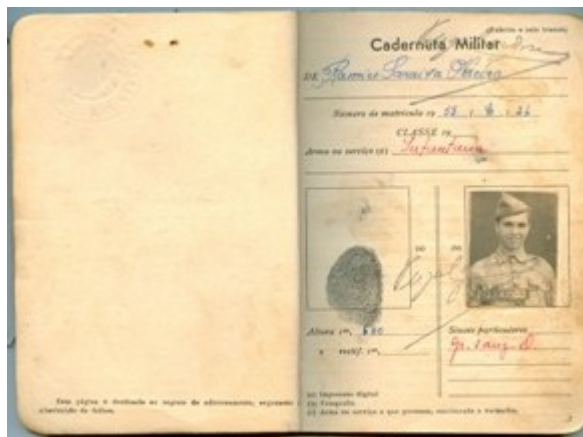
A vida, eu para mim já não faz muita diferença, mas para aqueles mais novos, para o meu neto Gonçalo. O meu neto está bem, anda a acabar de tirar o curso, acaba agora em Maio, e depois tem de seguir a vida dele mais a rapariga.

## **Percurso profissional *O aventureiro***

### **Engraxa botas**

Eu fui para a tropa em 1955. Estive lá ano e meio e três dias. O meu pai dava-me 20 escudos para eu ir daqui para a tropa. Não chegava para a carreira às vezes

e para comer e uma coisa e outra. Eu fui impedido. É engraxar botas aos patrões, aos comandantes. Eu por acaso era de um alferes. Era impedido de um alferes que era aqui dos Pardieiros. Saía de manhã, ia apanhar erva para os coelhos lá para a mãe dele, ali no Calhabé, em Coimbra. Era a erva, ia à praça, eu era sério. Claro, as pessoas sérias nunca se governam muito bem. Nunca arranjam fortuna.



### Caderneta Militar de Ramiro Saraiva Pereira

#### "Amigo da brincadeira"

*Nunca me esquece. Andavam a vindimar ao fundo da povoação da Benfeita. Andavam ali a vindimar o meu pai, a gente cultivava aí uma propriedade. Eu vinha da tropa ali animar. Eu era muito popular, amigo da brincadeira. Não era muito amigo de andar com os rapazes. Eu era amigo era de andar ao pé das raparigas. Fui criado no meio disso. Porque as raparigas andavam comigo. O meu pai é que quando começou a ter madeireiro, eu que andava com mulheres. Com 15, 16 raparigas. Havia muitas raparigas naquele tempo. É claro, depois tinha muita confiança com elas:*

*- "Ó Ramiro vais para o nosso serão, hoje."*

*No Inverno.*

*- "Vais para o serão, para o pé da gente, e tal, e coisa."*

*Pronto, eu ia.*

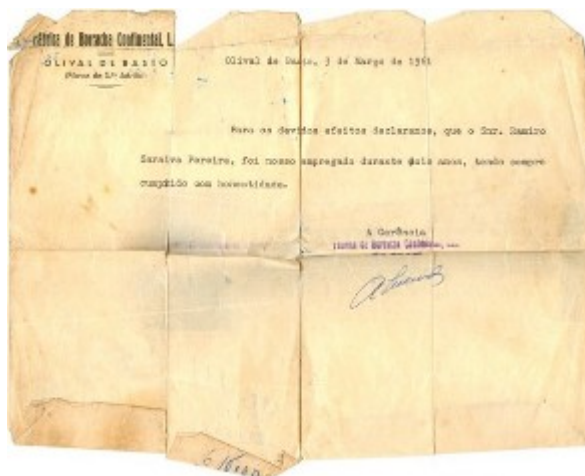
As raparigas quando iam aí por aí acima era a cantar. Uma vez, andávamos num sítio na Esculca. Elas andavam lá. Eram umas 14 ou 15 raparigas, tudo solteiras. Não havia lá casada nenhuma. A minha mulher e várias primas minhas. Era já assim à tardita, faltava-me um carrego ou dois para elas irem buscar. Chegaram lá a um sítio, lá a um largo de caminho de carro de bois. Havia ali uma assentadazita. Encontraram lá um sujeito chamado Augusto. Aí, é claro, elas agarraram todas, rodearam o homenzinho ali de roda. Uma agarrara-se a ele. Uma prima minha que é a Céu:

- "Ó tio Augusto, vamos dançar aqui."

Elas todas ali a cantar. Eu começou-se-me a encher, a ver que a coisa não era...

- Ó raparigas, porra! Já chega por agora. Possa! Vamos mas é embora deixem lá o homenzinho.

Então elas lá obedeceram. Eu também é que mandava nelas.



### **Declaração da Fábrica da Borracha Continental**

#### **Sem Caixa**

Depois saí da tropa. Andei por aí a serrar. Fui para um senhor, o senhor José Gaspar. Naquele tempo não havia Caixas nem nada. Trabalhei dez anos para um patrão. Nunca tive Caixa. Desde os 10 anos. Depois fui para Lisboa. Estive

lá cinco anos. Trabalhei nas obras. Depois trabalhei numa fábrica de borracha. Então aí é que tive três anos de Caixa. Eu não gostava de Lisboa, nunca gostei.

## **A sociedade**

*Um dia o meu cunhado Afonso, que é da parte da minha mulher, pela Páscoa, diz:*

*- "Ó Ramiro, vamos à Benfeita e tal."*

*O meu pai então, agarrou diz que me dava sociedade no negócio. Eu ainda pedi dinheiro para comprar pinhal. Depois um dia, pouco tempo, uns meses, a minha madrastra diz que eu levava o meu pai à certa, que o roubava. Eu disse:*

*- O quê? Eu ladrão não sou, para isso é que não. A partir de hoje acabou o negócio.*

*Cheguei ao pé do meu pai disse:*

*- Eu para mim, dê-me cá o meu dinheirinho dos meus pinhais. Eu vou tratar da minha vida.*

## **Um homem de negócios**

Andei no meu tio, em Paranhos da Beira, três anos. Pedi-lhe mais 25 tostões, não mos quis dar, abandonei-o. Disse:

- Pronto tio, você não quer me dar eu vou-me embora, acabou.

O meu tio tem lá uma serração. Ainda hoje lá está. São os meus primos que estão lá. São os Carnides. Foi aí que eu aprendi com motosserra. Comecei lá, com um fulano qualquer, comecei a aprender como é que se aguçava. Eu depois comecei a cortar também. Eu era comprador de pinhal e tomava conta do pessoal mas também tinha que trabalhar. Medir pinheiros e medir para vigamentos. Eu é que media tudo. Não era assim de qualquer maneira.

Vim para a Benfeita. Andei aí uns dias a serrar por aí. Já não me lembra para quem foi. Deu-me na cabeça e pus-me num negócio por minha conta. Comecei a negociar. Houve aí pessoas que me emprestavam dinheiro. Eu cortava os pinheiros, serrava-os. Naquele tempo a gente já serrava menos. Já se avertava a roleria com machos. Cheguei a trazer aos cinco e seis machos, a tirar roleria. Um macho é um burro castiço com uma égua. Daí em diante já tinha um negóciozito bem jeitoso. O meu pai então, ui! Era como quem o matava. Porque ele não sabia ler. Eu sabia comprar melhor do que ele, porque tinha andado com o meu tio. Eu era só comprar pinhal e tomar conta do pessoal, mais nada.

---

## Ida para Moçambique

A partir daí havia um senhor das Luadas que era para ir para Moçambique. Chamava-se Zé Pereira. Tinha pedido a um fulano chamado Casimiro, que estava lá já há uns pares de anos em Moçambique. Ele andava lá a fazer colheres ao pé de mim e diz ele assim:

- "Ó Ramiro, ó pá, tu queres ir para a Alemanha pá, se calhar, vai para Moçambique, eu dava-te o meu lugar e tu ias para Moçambique. Escrevemos ao senhor Casimiro e ele manda-te ir."

Assim foi. Eu tinha já o negócio. Eu já lidava, aí nessa altura, com, talvez 15 mil contos ou 10 mil contos. Já era dinheiro naquele tempo. Eu já lidava com muito negócio. Aí é que foi o meu mal. Veio-me uma carta para eu me ir embora o mais depressa possível. Enviei uma carta a dizer que eu que não podia ir porque tinha um negócio assim assim. Só no mês tal é que podia ir. Passado dois meses ou o que era. Assim foi. Arrumei o meu negócio todo. Vendi tudo. Vendi as madeiras todas, não comprei mais. Agarrei, fui para Moçambique. Mas houve um fulano que andava comigo, era um grande amigo meu que andou a serrar muito tempo comigo, disse-me:

- "Olha Ramiro, eu andei por Espanha, andei por um lado e por o outro. A gente quando não tem de passar de tostão, nunca chega a 2 tostões. Tu aqui já tinhas a tua vida bem montada."

Mas minha ideia era ir. Então fui para Moçambique. Fui no barco Pátria. Parámos na Madeira, parei em São Tomé, parei em Angola, em Luanda. Conheci aquilo tudo. Parei em Moçambes, na África do Sul, depois Lourenço Marques. Depois daí estive lá em Moçambique. Era ajudante agrícola de chá. Estive lá então à roda de 15 anos. Estive 12 anos e tal sozinho. A minha mulher na Benfeita, com os filhos e eu lá. Eu fui sempre um fulano muito aventureiro. Estive sete anos sem cá vir primeiro. Mas também nunca abandonei o meu lar. Graças a Deus nunca abandonei o meu lar. Nunca abandonei a Benfeita. Tive muita mulher, posso dizê-lo. Muita rapariga. Mas era lá, não era cá.

## As intrigas

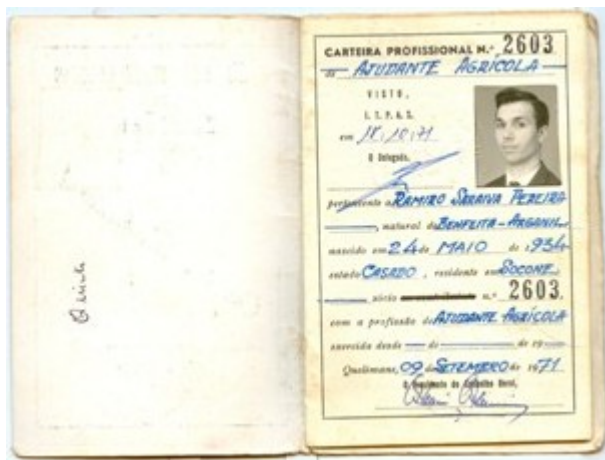
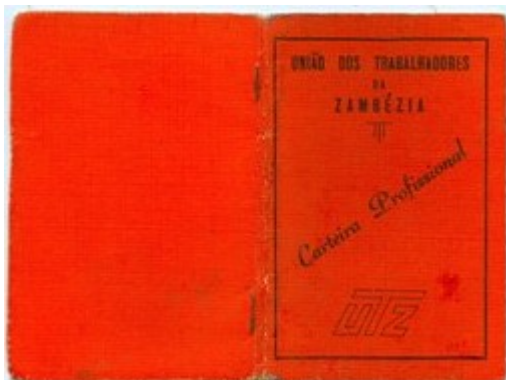
*Depois começaram aí a dizer que eu tinha lá filhos. Agarrei, levei a mulher, dois anos.*

*- Vais comigo.*

*Paguei 50 contos de um avião para ela ir comigo. As minhas passagens eram sempre pagas. Eu vinha de avião, ia e vinha, tudo pago pelas companhias. Eu disse:*

*- Vou gastar 50 contos mas vais comigo para veres lá os filhos que eu lá tenho.*

*Sabia trabalhar bem. Graças a Deus tinha bons enfermeiros.*



**Carteira Profissional - União dos Trabalhadores da Zambézia**

---

Depois aquilo começou-se a pôr cada vez pior. Quando houve a revolução lá no Moçambique e deu a independência eu ainda estive lá seis anos, depois da dependência em Moçambique. Conheci muito mundo. Conheci muita desgraça e muita coisa que se eu fosse a contar isso tudo... Eu vi a morrer gente... Aqueles dois anos que a minha mulher foi, eu tinha lá uma machamba. É um terreno grande, com hortaliças, bananeiras, tudo. Eu sabia trabalhar naquilo. Punha uma carreira de bananeiras, tudo "pia fora"<sup>2</sup>, quase com 1 quilómetro. Depois do outro lado a mesma coisa. Aí com 5 metros ou 6. Aquilo era tudo hortaliçazinhas de toda a qualidade, que eu tinha de fornecer a cidade de Gurúè. Aos trabalhadores que trabalhavam todos para a companhia. A partir daí, foi lá um Ministro, disse que eu tinha que ir para a Angónia. Eu tinha um fulano que era da África Livre, que era resistência moçambicana. Ele trabalhava num banco. Éramos muito amigos. Depois um dia diz-me ele assim:

- "Ó Saraiva, tu vais embora..."

Eu contei-lhe o passado. Diz ele:

- "Ó pá, então não vás. Vale mais ires embora para Portugal. Vais para a Angónia podem-te matar. Tu sabes como é isto, bem vês como é que isto está. Bem viste o teu colega e tal..."

Um rapaz que era aqui de pé da Mealhada. Coitado, teve que vir de uma plantação, fizeram-no ir de noite, às tantas da noite por aí afora descalço e em cuecas. E eu com medo disso e a minha mulher começou-me logo a dizer: vamos mas é embora. E fui. Eu estava a ganhar 22 contos e 500 por mês, eu pedi-lhe logo 35 contos. Só ficava por 35 contos. O gajo ainda chegou a 30 contos. Eu disse:

- Não, não fico. Agora já tenho as minhas coisas arrumadas, vou-me embora.

E assim foi. Vim para a Benfeita. Já tinha um dinheirito. Era pouco. Tínhamos 800 contos ou o que era. Tudo em dólares.

## "A plantar pinheiros e árvores"

Depois andei na floresta. Na floresta a plantar pinheiros e árvores. Eu e outras raparigas aí de várias terras. Andou uma carrinha a apanhar a gente para ir. Acabou a floresta eu vim para as obras. Para o pé de um rapaz que hoje é construtor. Um dia zanguei-me lá com ele. O gajo aleijou-me lá num dedo: espera lá, vou começar a negociar! Cheguei ali ao pé de um fulano:

- Ó senhor fulano, você quer-me vender aqueles pinheiros assim, assim?

- "Então não vendo Ramiro!"

<sup>2</sup>por aí fora

---

Comecei o meu negócio. Eu andei aí dois ou três. Depois pronto, comecei então a minha vida, no negócio. Comecei a comprar pinhal. Comecei a endireitar a minha vida. A madeira servia para tudo. Para cofragens, para as casas. Há ainda muitas casas, aqui para cima nos Pardieiros, que ainda estão feitas com tecto de tudo o que eu serrei. Eu fui o único que trouxe as motosserras para a Benfeitá.

### **"Reformado por motosserrista"**

Eu reformei-me ia nos 64 já. Mas foi porque parti o braço parti-o. Foi na minha casa. Um andaime esbarrou e tombou. Não ficar lá o braço foi uma sorte. Depois eu não podia andar com motosserra. Naquela altura já as madeiras não estavam a dar grande coisa e o pessoal também já era muito caro. Passado algum tempo andava sozinho. O que é começava-me a doer os braços. É claro, tive de dizer ao senhor doutor. Tanto mais que eu sou reformado por motosserrista.

### **Lugar Antigamente era diferente**

#### **As paródias**

Na Mata da Margaraça aquilo tem que ver. Que a Mata não estava como agora. Aquilo era outra coisa. Havia lá pinheiros que aquilo eram bestas. Muito grandes. Antigamente havia aqui grandes pinhais. Não é como agora. Pinheiros que só na Mata de Leiria é que há.

Eu vinha de serrar, e depois ia para um serão. Estavam lá quatro, cinco raparigas. Um dizia uma paródia, outro dizia outra. Antigamente não é como agora. Quando eu era solteiro, cheguei a ir daqui a buscar uma concertina ao Sardal. E ceifarmos erva ao homenzinho, ao domingo. Eu ceifava a erva à minha madrastra. Por isso é que ela embirrava comigo. Lá vinha o homem por 50 escudos. Toda a noite. Estava tudo cheio de gente. Fulanos cantavam o fado. Mas cantavam o fado bem. Começávamos logo ali a tocar porque não havia esta estrada aqui dos Pardieiros, o caminho era ali "pia cima"<sup>3</sup>, ao tanque. Começava logo um senhor. Chamavam-no Matias, a cantar o fado. Começava o outro dali "pia baixo"<sup>4</sup>. As raparigas começavam todas a dançar o fado. Íamos para o areal,

<sup>3</sup>por aí acima

<sup>4</sup>por aí abaixo



no largo. Ali não era como hoje está. Aquele chão de cimento, aquilo era milho. Era tudo milho. Não havia cá coisas.

### **A Torre da Paz**

A Torre da Paz, já foi no meu tempo, do Mário Matias e doutor Marcelo Matias. Quando acabou a guerra, o dia 7 de Maio, fizeram aquela Torre e compraram aquele relógio. Aquele relógio chega àquele dia dá aquelas tantas badaladas. Às duas horas.

### **Filosofia "*Até a terra nos come*"**

Hoje tenho pouco dinheiro. Tenho muita propriedade. Porque eu ia comprar às vezes uns pinheiros:

- "Olha vendo terra e tudo."

E eu comprava-a. Gostava de ter saúde, gostava de ter ouro e gostava de ter dinheiro. Mas a melhor coisa é a terra. A terra dá tudo. Eu a coisa melhor que há é a terra. Porque é da terra que vem o ouro, é da terra que come o doutor, come o advogado, come o pobre, come o rico, comem todos. Até a terra nos come. Uma vez, o meu avô ou bisavô, tinha um livro de São Cipriano, e que lá dizia:

A terra que disse uma vez para o mar:

- "Eu sou mais rico do que tu."

E o mar disse-lhe para ela:

- "Não senhora, não és mais rico do que eu não. Eu é que sou mais rico do que tu. Porque quanto tu tens se eu quiser é tudo meu."

### **Mulheres para quê?**

Agora morreu-me a mulher. Eu ainda estive para arranjar outra mas depois eu começo-me assim a lembrar: então, mas eu arranjo uma nova? Ela vem comer-me mas é o que eu tenho. Se arranjo uma velha tenho de andar com ela no médico. Como não sou muito amigo de médicos. Eu é raro tomar medicamentos. Um comprimido da constipação e outras vezes faço chás.

### **Sonhos *Empregado dos correios***

O que eu gostava de fazer e nunca fiz, quer dizer, cursos nunca foram... Eu tinha sempre ideias ou de mecânico ou electricista, ou então ser empregado de

correios, e eu estive quase. Foi pena porque a professora, quando eu tinha 31 anos quando eu fiz o exame da quarta classe, e eu já não podia entrar para os correios, que ela arranjava-me para os correios. Naquele tempo o que é que a gente pensava? Isso é agora. Mas olhe que a vida também se está a pôr má.

### ***Avaliação O sacrifício***

Fazem bem porque assim ficam a saber. Até para saberem outras pessoas o sacrifício que uma pessoa não fez.